

Sai relatório sobre direitos humanos

Segundo os EUA, a justiça inexiste na Colômbia, enquanto que Brasil e Argentina sofrem a ação de grupos de extermínio

Washington — O respeito pelos direitos humanos tem melhorado na maioria dos países da América Latina, mas em Cuba continuam sendo violados sistematicamente, e na Colômbia, México e em outros países, os conflitos civis e as crises econômicas combinam-se para atrapalhar seu desempenho, segundo o governo norte-americano.

A Colômbia vive uma das situações mais graves do continente devido a insegurança e a violência alimentadas pela pobreza, guerrilhas, paramilitares, traficantes de drogas e forças de segurança, com um sistema judicial virtualmente inoperante, avaliou o Departamento de Estado em seu relatório anual sobre os direitos humanos no mundo.

O sistema judicial civil da Colômbia é deficiente, está severamente sobrecarregado e paralisado por intimidações, e os julgamentos que faz representam menos de 3% dos crimes cometidos na nação. O clima de impunidade resultante “é o coração dos problemas de direitos humanos do país”, afirma o documento.

Em Cuba houve uma distensão depois da visita do papa João Paulo II, em janeiro de 1988, mas o regime comunista do presidente Fidel Castro continua negando as liberdades de expressão, imprensa e associação. Os dissidentes continuam sendo presos e encarcerados arbitrariamente, e no ano passado surgiram evidências confiáveis de que houve torturas e mortes devido ao uso de força excessiva por parte da polícia, afirma o relatório.

No dia 30 de março, a polícia deteve Wilfredo Martínez Pérez, um ativista dos direitos humanos, e no dia seguinte seu corpo sem vida e com sinais de violência foi entregue numa funerária em Guines. Não há informações de qualquer investigação sobre as circunstâncias.

Em julho, as autoridades informaram que Reinery Marrera havia se suicidado na prisão, onde estava detido, acusado de matar ilegalmente uma vaca. Seus familiares afirmaram que o corpo apresentava contusões e outras marcas de violência.

José Goitia / Associated Press



O presidente cubano, Fidel Castro, continua sendo o grande vilão, mandando prender e torturar seus opositores

EXECUÇÕES

Graças em parte à diluição do monopólio do poder que tinha o partido oficialista Partido Revolucionário Institucional (PRI), o Mé-

xico passou por uma melhoria. A oposição e o governo demonstraram que podem trabalhar juntos em questões vitais para a nação. O governo respeita geralmente os di-

reitos de seus cidadãos, mas tem dificuldades para controlar os militares e outras forças de segurança que continuam cometendo abusos, incluindo execuções extraju-

diciais, particularmente nos estados de Guerrero, Morelos e Nuevo León.

A Guatemala, que até bem pouco tempo era um dos casos mais graves no continente, segundo o relatório norte-americano, melhorou quantitativamente, apesar de continuarem a ocorrer abusos, prisões arbitrárias e execuções extrajudiciais.

A situação também melhorou sensivelmente nos demais países da América Central — em especial na Nicarágua, Honduras e El Salvador — com o avanço de governos democráticos e a participação no governo dos grupos que pegaram em armas nos anos 70 e 80.

Execuções extrajudiciais continuam ocorrendo, sem dúvida, em outros países que deixaram para trás episódios de violência, como a Argentina, ou que caíram em graves situações de criminalidade devido a crise econômica, como a Venezuela.

Este último país também é servido por um ineficiente sistema judicial e condições carcerárias que fomentam em vez de dissuadir a criminalidade. No Brasil, os pobres e os campões continuam sofrendo o pior da violência, e são vítimas de grupos policiais marginais e matadores pagos por latifundiários, segundo o documento.